

A BIOGRAFIA DEFINITIVA

FREUD

UMA VIDA
PARA
O NOSSO
TEMPO

Tradução
DENISE BOTTMANN

Consultoria editorial
LUIZ MEYER

PETER
GAY

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1988 by Peter Gay
W. W. Norton & Company, Inc. [www.wwnorton.com]
Todos os direitos reservados

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

FREUD: A LIFE FOR OUR TIME

Capa

KIKO FARKAS / MÁQUINA ESTÚDIO
BIANCA OLIVEIRA / MÁQUINA ESTÚDIO

Índice remissivo

GABRIELA MORANDINI

Revisão

JULIANE KAORI
RENATO POTENZA RODRIGUES

Atualização ortográfica

VERBA EDITORIAL

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gay, Peter, 1923-
Freud : uma vida para o nosso tempo / Peter Gay ; tradução
de Denise Bottmann ; consultoria editorial Luiz Meyer. —
2ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

Título original: Freud : a life for our time.
ISBN 978-85-359-2065-9

1. Freud, Sigmund, 1856-1939 2. Psicanálise I. Meyer, Luiz.
II. Título.

12-01998

CDD-150.1952

Índices para catálogo sistemático:

1. Freud, Sigmund : Biografia e obra 150.1952
2. Freud, Sigmund : Teoria psicanalítica : Psicologia 150.1952

2012

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Prefácio 13

FUNDAMENTOS: 1856-1905

1. *Uma ânsia de conhecimento* 21
 - Matéria para lembranças 22
 - A atração da pesquisa 39
 - Freud enamorado 54
2. *A teoria em formação* 72
 - Um amigo — e inimigo — necessário 72
 - Históricos, projetos e dificuldades 86
 - Autoanálise 103
3. *Psicanálise* 118
 - O segredo dos sonhos 119
 - Uma psicologia para psicólogos 131
 - De Roma a Viena: um avanço 146
 - Um mapa para a sexualidade 155

ELABORAÇÕES: 1902-1915

4. *Esboço de um pioneiro preparado para o combate* 165
 - Aos cinquenta anos 165
 - Prazeres dos sentidos 174
 - A Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras 184
 - Os estrangeiros 190
5. *Política psicanalítica* 208
 - Jung: o príncipe herdeiro 208
 - Interlúdio americano 216
 - Viena *versus* Zurique 223
 - Jung: o inimigo 235

6. *Terapia e técnica* 254
 - Uma estreia problemática 255
 - Duas lições clássicas 264
 - Em causa própria: Leonardo, Schreber, Fliess 276
 - Em causa própria: a política do Homem dos Lobos 293
 - Um manual para técnicos 300
7. *Aplicações e implicações* 314
 - Questões de gosto 314
 - Fundações da sociedade 331
 - Mapeando a mente 342
 - O fim da Europa 349

REVISÕES: 1915-1939
8. *Agressões* 367
 - Coisas abrangentes e importantes 367
 - Paz inquieta 380
 - Morte: experiência e teoria 395
 - Eros, ego e seus inimigos 408
9. *A morte contra a vida* 422
 - Insinuações de mortalidade 422
 - Anna 433
 - O preço da popularidade 450
 - Vitalidade: o espírito de Berlim 463
10. *Luzes trêmulas em continentes negros* 474
 - Rank e as consequências 474
 - Dilemas de médicos 493
 - Mulher, o continente negro 503
11. *A natureza humana em atividade* 526
 - Contra as ilusões 526
 - Civilização: o transe humano 545
 - Os abomináveis americanos 556
 - Troféus e obituários 573
12. *Morrer em liberdade* 589
 - A política da catástrofe 589
 - Desafio como identidade 597
 - Finis Austriae* 611
 - A morte de um estoico 629

Abreviaturas	651
Notas	652
Ensaio bibliográfico	735
Agradecimentos	779
Índice remissivo	785
Sobre o autor	815

FUNDAMENTOS
1856-1905

1. Uma ânsia de conhecimento

Em 4 de novembro de 1899, a editora de Franz Deuticke, com sede em Leipzig e Viena, publicou um livro de vulto de Sigmund Freud, *Die Traumdeutung*. Mas na página de rosto de *A interpretação dos sonhos* constava a data de 1900. Ainda que, à primeira vista, essa informação bibliográfica contraditória reflita apenas uma convenção editorial, retrospectivamente é um bom símbolo da herança intelectual e influência definitiva de Freud. Seu “livro do sonho”, como ele gostava de chamá-lo, era produto de uma mente moldada no século XIX, mas tornou-se propriedade — amada, tripudiada, inescapável — do século XX. O título do livro, especialmente em seu alemão lacônico, “Interpretação de sonho”, era bastante provocativo. Fazia lembrar aquele tipo de brochura barata, dirigido aos crédulos e supersticiosos, que classifica os sonhos como predições de coisas boas e ruins por acontecer. Freud havia “ousado tomar”, comentou ele, “contra as objeções da ciência rigorosa, o partido dos antigos e da superstição”.

Mas, por algum tempo, *A interpretação dos sonhos* mostrou-se de pouco interesse geral: em seis anos, foram vendidos apenas 351 exemplares, e somente em 1909 foi lançada uma segunda edição. Se, como Freud veio a crer, seu destino era realmente o de perturbar o sono da humanidade, ele só se realizaria anos depois. É instrutivo comparar essa acolhida morna e insípida àquela recebida por outro clássico revolucionário que moldou a cultura moderna: *A origem das espécies*, de Charles Darwin. Publicado em 24 de novembro de 1859, quase quarenta anos antes do livro dos sonhos de Freud, sua primeira edição de 1250 exemplares foi totalmente vendida numa tarde, e logo seguiram-se novas edições revistas. Subversivo, o livro de Darwin ocupou o centro de agitação de um grande debate sobre a natureza do animal humano, e fora avidamente aguardado. O livro de Freud, que se revelou igualmente subversivo, de início parecia apenas esotérico e excêntrico, iguaria para poucos especialistas. Qualquer esperança de rápida e ampla aceitação que Freud pudesse nutrir mostrou-se irrealista.

O trabalho de Freud fora longo, quase rivalizando com os decênios de silenciosa preparação de Darwin; seu interesse pelos sonhos remontava a 1882, e havia começado a analisá-los por volta de 1894. Por mais lento que tenha sido o avanço

de *A interpretação dos sonhos*, ela é a peça central da vida de Freud. Ele observou em 1910 que a considerava sua “obra mais significativa”. Se, acrescentou ele, “chegasse a ser reconhecido, a psicologia normal também teria de ser refeita sobre novas bases”. Em 1931, no prefácio à terceira edição inglesa, Freud prestou novamente sua ponderada homenagem ao livro dos sonhos. “Ele encerra, mesmo segundo meu atual juízo, a mais valiosa de todas as descobertas que à minha boa sorte coube fazer. Uma percepção dessas ocorre no destino de alguém apenas uma vez na vida.”

O orgulho de Freud não era descabido. Apesar dos inevitáveis falsos pontos de partida e dos desvios igualmente inevitáveis de suas primeiras pesquisas, todas as suas descobertas dos anos 1880 e 1890 confluíram para *A interpretação dos sonhos*. E mais: muito do que ele viria a descobrir adiante, e não só sobre os sonhos, estava implícito naquelas páginas. Com abundante material autobiográfico, imensamente revelador, o livro constitui uma fonte ímpar para o biógrafo de Freud. Ele resume tudo o que Freud aprendera — na verdade, tudo o que ele era —, recuando diretamente até o labirinto de sua complexa infância.

MATÉRIA PARA LEMBRANÇAS

Sigmund Freud, o grande decifrador de enigmas humanos, cresceu entre charadas e confusões suficientes para despertar o interesse de um psicanalista. Ele nasceu em 6 de maio de 1856, na pequena vila morávia de Freiberg, filho de Jacob Freud, um comerciante de lãs pobre, e sua mulher Amalia. Os nomes que seu pai registrou para ele na Bíblia da família, “Sigismund Schlomo”, não sobreviveram à adolescência de Freud. Ele nunca usou “Schlomo”, nome do avô paterno, e, depois de experimentar “Sigmund” nos últimos anos de escola, adotou-o algum tempo após seu ingresso na Universidade de Viena, em 1873.*

A Bíblia dos Freud também registra que Sigismund “ingressou no pacto judaico” — em suma, foi circuncidado — uma semana após seu nascimento, em 13 de maio de 1856. Isso é certo; a maioria das outras informações são muito menos seguras. Freud achava que tinha “razões para crer” que a família de seu pai havia “vivido por muito tempo no Reno (em Colônia), fugido para o leste em virtude de uma perseguição aos judeus nos séculos XIV e XV, e no decorrer do século XIX tornaram a migrar da Lituânia, através de Galícia, até a Áustria germânica”. Aqui, Freud se baseava numa tradição familiar: um dia, o secretário da comunidade judaica em Colônia encontrou casualmente seu pai e descreveu-lhe com

* Mesmo então, ele continuou a hesitar: em 1872, ainda na escola, assinou uma de suas cartas como “Sigmund”, mas, três anos depois, quando estudava medicina na Universidade de Viena, ele escreveu “Sigismund Freud, est. med. 1875” em seu exemplar de *Die Abstammung des Menschen*, a tradução alemã de *A origem do homem*, de Darwin. Como ele nunca fez nenhum comentário sobre suas razões para encurtar o primeiro nome, todas as conjecturas sobre seu significado para Freud estão fadadas a se manter como puras especulações.

detalhes a ascendência dos Freud, remontando até suas raízes no século XIV em Colônia. As indicações sobre os antepassados de Freud podem ser plausíveis, mas são escassas.

O curso da evolução emocional de Freud, mais do que por essa minúcia cartorial e erudição genealógica, foi modelado pela desconcertante trama de relações familiares, à qual ele achava muito difícil escapar. O emaranhado das configurações domésticas era muito corrente no século XIX, quando eram frequentes as mortes prematuras por parto ou doenças, e muitas vezes as viúvas ou viúvos se casavam logo a seguir. Mas os mistérios com que se deparou Freud eram mais intrincados do que o usual. Quando Jacob Freud desposou Amalia Nathansohn, sua terceira mulher, em 1855, ele estava com quarenta anos, vinte a mais do que sua esposa. Dois filhos do primeiro casamento — o mais velho, Emanuel, casado e com filhos, e Philipp, solteiro — eram vizinhos. Emanuel era mais velho do que a jovem e atraente madrasta que o pai trouxera de Viena, ao passo que Philipp tinha apenas um ano menos do que ela. Igualmente intrigante para Sigismund Freud era que um dos filhos de Emanuel, seu primeiro companheiro de jogos, fosse um ano mais velho do que ele próprio, seu pequeno tio.

Freud iria lembrar seu sobrinho John como amigo inseparável e “companheiro de minhas estrepolias”. Uma delas (entre as primeiras lembranças de Freud, retrospectivamente investida de uma força emocional erótica que, na época, provavelmente não tinha) ocorreu quando ele contava com cerca de três anos: Sigismund e John caíram em cima de Pauline, irmã de John, num campo onde colhiam flores, e arrancaram-lhe cruelmente o ramalhete. Às vezes, os dois meninos, tão intensos na inimizade quanto na amizade, dirigiam-se mutuamente suas agressões. Um episódio belicoso que entrou no repertório das lendas de família sobre Freud deu-se quando ele não tinha sequer dois anos. Certo dia, o pai de Freud lhe perguntou por que havia atacado John, e Freud, que se ainda não falava, pelo menos pensava com clareza, defendeu-se com habilidade: “Bati nele porque ele bateu em mim”.

Retorcendo ainda mais a intrincada configuração das relações familiares de Freud, sua bela e jovem mãe parecia, a seus olhos, combinar muito mais com seu meio-irmão Philipp do que com seu pai, mas era com o pai que Amalia Freud partilhava o leito. Em 1858, com menos de dois anos e meio, esse problema se intensificou particularmente: nasceu sua irmã Anna. Ao lembrar esses anos, Freud achava que havia entendido que a irmãzinha saíra do corpo de sua mãe. O que parecera mais difícil de entender era como seu meio-irmão Philipp havia, de algum modo, ocupado o lugar de seu pai, na concorrência pelos amores de sua mãe. Será que Philipp dera à sua mãe aquela nova rivalzinha odiosa? Tudo isso era muito desconcertante, e saber dessas coisas, de certa forma, era tão necessário quanto perigoso.

Tais mistérios da infância deixaram sedimentos que Freud reprimiu durante anos, e só viria a recapturar, através de sonhos e de uma trabalhosa autoanálise, no final dos anos 1890. Sua mente se constituía dessas coisas — a jovem mãe

grávida de uma rival, o meio-irmão de alguma misteriosa maneira como companheiro de sua mãe, o sobrinho mais velho do que ele, seu melhor amigo e também maior inimigo, o pai bondoso com idade suficiente para ser seu avô. Ele fiaria o tecido de suas teorias psicanalíticas a partir dessas experiências íntimas. Quando precisou delas, elas voltaram a ele.

Freud não considerou necessário reprimir algumas verdades familiares evidentes. “Meus pais eram judeus”, anotou sucintamente no breve “Estudo autobiográfico” de 1925. Com visível desprezo pelos correligionários que haviam procurado proteção contra o antissemitismo no refúgio do batismo, ele acrescentou: “Eu também continuei judeu”. Era um judaísmo sem religião. Jacob Freud se libertara das práticas hassídicas de seus antepassados: seu casamento com Amalia Nathansohn foi sacramentado numa cerimônia segundo o rito reformado. Com o tempo, ele dispensou praticamente todas as observâncias religiosas, sobretudo comemorando o Purim e a Páscoa judaica como festas familiares. Seu pai, lembrou Freud em 1930, “deixou-me crescer em completa ignorância de tudo o que se referia ao judaísmo”. Mas, embora empenhado em se assimilar, Jacob Freud nunca se envergonhou, nunca tentou negar sua identidade essencialmente judaica. Continuava a ler a Bíblia em casa, em hebraico, para sua edificação moral, e acreditava Freud que “falava a língua santa tão bem ou melhor do que o alemão”. Assim, Jacob Freud criou uma atmosfera onde o jovem Freud adquiriu um fascínio duradouro pela “história bíblica”, isto é, o Antigo Testamento, desde que “mal adquirira a arte da leitura”.

Mas, quando menino, Freud não estava rodeado apenas por judeus, e também isso trouxe algumas complicações. A babá que cuidou dele até seus dois anos e meio era uma devota católica apostólica. A mãe de Freud lembrava dela como uma mulher de idade madura, feia e esperta; alimentava seu pupilo com histórias piadas e arrastava-o à igreja. “Então”, a mãe de Freud contou a ele, “quando você voltava para casa, você rezava e nos contava o que faz Deus Todo-Poderoso.” A babá fez mais, embora não esteja claro exatamente o quanto: ela atuou, sugeriu Freud um tanto indiretamente, como sua mestra em questões sexuais. Ela era rude e muito exigente com o menininho precoce, mas, achava Freud, ele a amara também por isso.

Foi um amor bruscamente interrompido: durante o puerpério da mãe com sua irmã Anna, seu meio-irmão Philipp fez com que a babá fosse detida por um pequeno roubo, e ela foi presa. Freud sentiu intensamente sua falta. Seu desaparecimento, coincidindo com a ausência da mãe, gerou uma lembrança vaga, desagradável, que Freud só conseguiu esclarecer e interpretar muitos anos depois. Ele lembrou que havia procurado desesperadamente a mãe, gritando o tempo todo. Então, Philipp abriu um guarda-louça — em austríaco, um *Kasten* — para mostrar que ela não estava presa lá dentro. Isso não acalmou Freud; só sossegou quando sua mãe apareceu no vão da porta, “esguia e linda”. Por que Philipp teria mostrado um guarda-louça vazio a Sigismund, em resposta ao seu apelo à mãe? Em 1897, quando sua autoanálise estava no ponto mais intenso, Freud encontrou

a resposta: quando perguntara a Philipp aonde havia ido a babá, seu meio-irmão respondera que ela estava *eingekastelt* — “trancafiada” —, num gracejo referente ao fato de estar na cadeia. Evidentemente, Freud receara que sua mãe também tivesse sido trancafiada. Uma rivalidade infantil com o irmão mais velho que supostamente dera um filho à sua mãe, uma curiosidade sexual igualmente infantil sobre bebês que saem de corpos, e um triste sentimento de privação com a perda da babá agitaram o menino pequeno demais para entender as ligações, mas não para sofrer. Aquela babá católica, velha e pouco atraente como era, tinha significado muito para Freud, quase tanto quanto sua adorável mãe. Como algumas figuras que mais tarde viriam a monopolizar sua vida imaginativa — Leonardo, Moisés, para não falar de Édipo —, o pequeno Freud gostava de receber cuidados amorosos de duas mães.

Apesar de toda a atenção dedicada ao pequeno Sigismund, Jacob e Amalia Freud eram pobres. Em 1856, ano em que nasceu Freud, eles ocupavam uma única peça alugada numa casa modesta. Sua cidade, Freiberg, era dominada pelo campanário alto e esguio da igreja católica, com seus famosos carrilhões, erguendo-se acima de algumas casas ricas e várias residências mais modestas. As principais atrações da cidade, afora a igreja, eram a vistosa praça do mercado e os aprazíveis arredores que ostentavam faixas de campos férteis, bosques densos e colinas suaves, com os montes Cárpatos elevando-se na distância tremeluzente. No final dos anos 1850, a cidade tinha mais de 4500 habitantes, entre os quais cerca de 130 judeus. Os Freud moravam na Schlossergasse 117, numa casa simples de dois andares, em cima dos aposentos do dono, um ferreiro chamado Zajík. Ali, em cima de uma ferraria, nasceu Freud.

Os Freud não ficaram muito mais tempo em Freiberg. Inicialmente, mudaram-se por pouco tempo para Leipzig, em 1859, e depois, no ano seguinte, foram para Viena. A lembrança da pobreza de sua família parece ter sido dolorosa para Freud; numa passagem autobiográfica disfarçada que inseriu num artigo de 1899, ele descreveu a si mesmo como “filho de pais originalmente abastados que, creio eu, viviam naquele buraco de província com bastante conforto”. Essa hipérbole é um pequeno exemplo do que Freud viria chamar mais tarde de “romance familiar”, essa disposição generalizada entre as pessoas de achar que seus pais são mais prósperos ou mais famosos do que na realidade, ou talvez até de inventar uma linhagem ilustre. Freud estava simplificando os motivos de sua família para sair de Freiberg e embelezando sua vida na cidade. Depois de uma “catástrofe no ramo industrial em que meu pai estava empregado”, escreveu, “ele perdeu sua fortuna”. Afinal, Jacob Freud nunca conservou totalmente aquilo de que, na verdade, nunca desfrutara. Por algum tempo, de fato, embora a situação melhorasse gradativamente, a mudança dos Freud para Viena pouco desafogo lhes trouxe: “Então vieram longos anos difíceis”, escreveu Freud mais tarde; “penso que não houve nada a respeito deles que valesse a pena lembrar”.

A fertilidade de Amalia Freud não contribuía para aliviar a precária situação financeira da família. Jacob Freud e sua mulher mudaram-se para Viena com dois filhos, Sigismund e Anna — um filho, Julius, morrera em Freiberg em 1858, aos sete meses. Então, numa rápida sequência, entre 1860 e 1866, Freud foi presenteado com quatro irmãs — Rosa, Marie, Adolfine e Pauline — e com o cacula, Alexander.* Em 1865 e no começo de 1866, o rigor daqueles anos foi intensificado com o indiciamento, condenação e prisão de Josef Freud, irmão de Jacob Freud, por negociar com rublos falsos. A catástrofe foi traumática para a família. Freud não gostava de seu tio Josef, que invadia seus sonhos, e lembrou em *A interpretação dos sonhos* que os cabelos de seu pai, com a calamidade, encaneceram de desgosto em poucos dias. Provavelmente, o desgosto de Jacob Freud se mesclava à angústia: existem indicações de que ele e seus filhos mais velhos, que tinham emigrado para Manchester, estavam implicados nas atividades de Josef Freud.

As dificuldades econômicas e a desgraça familiar não eram as únicas razões pelas quais Freud achava que seus primeiros anos em Viena não mereciam ser lembrados. Ele sentia falta de Freiberg, principalmente dos lindos campos onde se situava a cidade. “Nunca me senti realmente à vontade na cidade”, confessou em 1899; “agora penso que nunca superei a saudade dos belos bosques da minha casa, para onde (como prova uma lembrança que resta daqueles dias), mal sabendo andar, eu costumava fugir de meu pai”. Em 1931, quando o prefeito de Příbor inaugurou uma placa de bronze, comemorativa, no local de nascimento de Freud, este — então com 75 anos — enumerou rapidamente as vicissitudes de sua vida numa carta de agradecimentos, e destacou uma relíquia conservada de seu passado distante: “No fundo de mim, encoberta, ainda vive aquela criança feliz de Freiberg, o filho primogênito de uma mãe jovem, que havia recebido as primeiras impressões indeléveis desse ar, dessa terra”. Isso é mais do que um palavrório de ocasião ou polidez social; a retórica rítmica — “desse ar, dessa terra” — traz sua própria confirmação. Ela desce até as camadas mais secretas da mente de Freud, revelando sua sede nunca saciada por aqueles dias em que amava a mãe jovem e bonita e fugia do velho pai. Não surpreende que Freud nunca viesse a superar seus sentimentos ambíguos a respeito de Viena.

Martin, o filho de Freud, sugeriu que a aversão por Viena, frequentemente expressa por seu pai, era, na verdade, uma declaração de amor encoberta. A característica do autêntico vienense não é a de se deleitar em encontrar defeitos em sua adorada cidade? Com efeito, para alguém que odiava Viena com tanta ferocidade

* Segundo uma tradição familiar registrada por Anna, irmã de Freud, o nome “Alexander” foi escolhido numa reunião da família, sugerido pelo menino Freud, com dez anos de idade, em lembrança da magnanimidade de Alexandre e sua bravura como líder militar. (Ver *Jones I*, p. 18. Para esta e outras abreviaturas e formas reduzidas, ver p. 651.)

como Freud dizia a todos, ele deu mostras de uma rara resistência em deixá-la. Seu inglês era excelente, tinha boas ligações no exterior, contava com convites reiterados de se instalar em outro país, mas ele ficou até que não pôde mais. “O sentimento de vitória com a libertação vem demasiado entremeado com a tristeza”, escreveu, já muito velho, logo depois de chegar a Londres, no início de junho de 1938, “pois ainda assim amava-se muito a prisão da qual se fora libertado.”

Evidentemente, sua ambivalência tinha raízes profundas; por mais que se pudesse amá-la, Viena se convertera numa prisão. Mas Freud havia semeado declarações de ódio em sua correspondência muito antes que os nazistas entrassem no país. Não há nenhum maneirismo ou afetação nelas. “Poupo-lhe qualquer referência à impressão que me deu Viena”, escreveu ele aos dezesseis anos para o amigo Emil Fluss, depois de voltar de Freiberg. “Foi desagradável para mim.” Mais tarde, escrevendo de Berlim à sua noiva Martha Bernays, ele confessou: “Viena me oprime — talvez mais do que o que seria bom”, bom para ele, pretendia dizer. A Catedral de Santo Estêvão, que domina a linha do horizonte de Viena, para ele era apenas, disse a ela, “aquele abominável campanário”. Freud reconhecia que, nesses dardos de crítica hostil, vinha emergindo algo cuidadosamente enterrado. Seu ódio a Viena, julgava ele, tocava as raias do pessoal, “e, ao contrário do gigante Anteu, reúno novas forças sempre que tiro os pés do solo natal”. Viena nunca deixou totalmente de ser, para ele, o teatro da miséria, do repetido malogro, da solidão odiada e prolongada, dos incidentes desagradáveis de aversão aos judeus. O fato de passar as férias nas montanhas e em longos passeios pelo campo também dá algumas indicações sobre seus sentimentos. Viena não era Freiberg.

Esse diagnóstico tem seu lado implausível. Nada parece mais desesperadamente urbano do que a psicanálise, essa teoria e terapia inventada pelo e para o burguês da cidade. Freud também era o cidadão em sua quintessência, trabalhando todos os dias no consultório e todas as noites no gabinete, dando passeios diários pela Viena moderna que estava sendo construída, quando ele era estudante e jovem médico. Muitos observadores, de fato, consideravam a psicanálise, assim como seu fundador, como um fenômeno não só urbano, mas especificamente vienense. Freud negava isto com veemência: quando o psicólogo francês Pierre Janet sugeriu que a psicanálise só poderia ter brotado na atmosfera sensual de Viena, Freud considerou a insinuação como uma injúria maliciosa e, no fundo, antissemita. Na verdade, Freud poderia ter desenvolvido suas ideias em qualquer cidade que contasse com uma faculdade de medicina de primeira ordem, e um público culto suficientemente rico e numeroso que lhe trouxesse pacientes. É óbvio que Freud, que nunca esqueceu os bosques em torno de Freiberg, não era nenhum caipira ambulante apanhado pelo destino na cidade opressora. Mas a Viena que Freud gradualmente ideou para si não era a Viena da Corte, dos cafés, dos salões ou da opereta. Essas Vianas contribuíram pouquíssimo para o avanço da obra de Freud. Não é por acaso que sua noiva haveria de ser de Hamburgo, seus adeptos preferidos, de Zurique, Budapeste, Londres e lugares ainda mais distantes, e que suas teorias psicológicas viriam a se formar num universo intelectual suficientemente amplo para abarcar toda a cultura ocidental.